RECENSÕES

GLÓRIA BASTOS – *A Escrita para Crianças em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Editorial Caminho, 1997, pp. 143

A literatura infantil portuguesa (ou, talvez melhor, em Portugal) continua a ser um campo de investigação mal explorado. É certo que, sobretudo nos últimos anos, e em grande medida como consequência da sua introdução nos *curricula* de diversos cursos de licenciatura e de mestrado, o panorama se tem vindo a modificar. Dispomos hoje de catálogos e bibliografias bastante satisfatórios (Domingos Guimarães de Sá, *Catálogo de Literatura Infantil de Autores Portugueses e Estrangeiros (traduzidos)*, 1973 e *A Literatura Infantil em Portugal. Achegas para a sua história*, 1981; Natércia Rocha, *Bibliografia Geral da Literatura Portuguesa para Crianças*, 1987); de duas tentativas de história (Maria Laura Bettencourt Pires, *História da Literatura Infantil Portuguesa*, 1983; e Natércia Rocha, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, 1984); e temos de reconhecer que alguns dos nossos «clássicos» nesta área (como Ana de Castro Osório, Virgínia de Castro e Almeida, Aquilino Ribeiro ou Sophia de Mello Breyner) estão razoavelmente estudados. Apesar disso, há muitos aspectos que continuam a carecer de um olhar mais atento, a começar justamente pela fase de afirmação desta literatura. Esta circunstância justifica, à partida, a nossa atenção sobre o trabalho de Glória Bastos.

Acontece porém que, como teremos oportunidade de explicar, a A. não ultrapassa um nível superficial de caracterização da literatura destinada à infância que se fez em Portugal no século XIX. O mérito principal da sua obra acaba por recair no trabalho de levantamento bibliográfico efectuado.

Na primeira das três partes do seu livro, Glória Bastos aborda o tema «Educação e livros para crianças no século XIX». As principais ideias aqui apresentadas são bem conhecidas: a modificação progressiva do conceito de infância, acompanhada de uma maior atenção consagrada à criança e traduzida num ténue esforço de alargamento da instrução pública; a percepção manifestada por uma vasta gama de intelectuais (entre os quais homens da *Geração de 70*, como Eça de Queirós e Adolfo Coelho) do desalentador panorama dos livros para crianças em Portugal, em nítido contraste com o que acontecia noutros países da Europa, como Inglaterra e França; a lenta modificação desse cenário, com o aparecimento de algumas obras explicitamente dirigidas à criança, tanto sob a forma de traduções e de adaptações, como de antologias (incluindo os contos populares e as rimas infantis) e de originais. Relativamente às primeiras, a A. chama a atenção para a hegemonia francesa, graças à presença de autores como Perrault, La Fontaine, Condessa de Ségur ou Jules Verne. Nota contudo Glória Bastos que também se efectuam traduções de clássicos ingleses como Swift e

Defoe, do mesmo modo que não são esquecidos autores mais recentes e de outras nacionalidades, como Andersen, Dickens, De Amicis ou Harriet Stowe. Relativamente às antologias e originais, a A. destaca a importância dos prefácios e introduções, espaços quase sempre usados para a exposição de um conceito de literatura para a infância marcado pelo velho princípio do *utile dulci*, da instrução e do divertimento. A consideração desses paratextos serve depois a Glória Bastos para concluir pela desadequação entre a teoria e a prática, sem que contudo essa conclusão surja apoiada numa reflexão analítica minimamente justificativa.

Entre os exemplos que aponta, podemos destacar um que merece a nossa discordância: trata-se de *Tragédia Infantil*, uma narrativa em verso de Guerra Junqueiro, publicada, não em 1887, como diz a A., mas em 1877 (Lisboa, Tip. de J. H. Verde). Segundo Glória Bastos, estamos perante uma obra «que se fica mais pela intenção de se dirigir a um público infantil, ao retratar aí situações com/entre crianças» (p. 21). Ora, no panorama tão pobre da literatura para crianças que ao tempo se fazia em Portugal, parece-nos incorrecto arrumar desta maneira a primeira incursão de Junqueiro no domínio da literatura para a infância, tanto mais que – circunstância não muito comum na época – se trata de um original e em verso. Não é, obviamente, uma obra-prima. Pelo contrário, alguns dos seus defeitos são evidentes, a começar por uma linguagem que tanto resvala para um estilo infantilizante como assume um tom demasiado empolado, a que se associam alguns clichés ultra-românticos. Veja-se, por exemplo, esta passagem da descrição de Bebé, a protagonista feminina: «O seu corpo, que faria / O desespero de Phidias, / É leve como a alegria, / É doce como as orchidias»; «N'aquella boca graciosa / Não pousa de certo a abelha, / Por saber que não ha rosa / Tão fresca, nem tão vermelha». Por outro lado, mesmo à luz da mentalidade da época, não pode deixar de suscitar reservas a perspectivação tão estereotipada do paradigma masculino/feminino. Atente-se, por exemplo, nesta passagem: «Quando vae com a irmãsinha, / Como quem leva uma flor; / Ella – a tímida andorinha; / Elle – o forte, o protector». Iguais reservas pode suscitar a montagem da trama narrativa: a *tragédia* não passa de uma briga entre dois irmãos, resolvida, ao fim de alguns momentos de *suspense*, num previsível *happy end*. Mas, apesar de tudo, é inegável que estamos perante um texto bem mais *leve* que a generalidade dos seus contemporâneos. Para isso contribui, antes de mais, o ritmo e a musicalidade decorrentes da opção pelo redondilho maior e pela quadra *abab*. Por outro lado, mesmo estereotipados, protagonistas e trama narrativa são efectivamente infantis e os quadros que vão sendo desenhados – sobretudo os correspondentes às brincadeiras dos dois irmãos – mostram-se adequados ao universo da criança. Além disso, a opção pela *tragédia* permite mostrar um personagem em evolução, atingido pelo remorso do seu acto e corrigindo o seu efeito, o que permite diluir a lição de moral que o autor pretende impor.

Outro domínio, mais nitidamente do lado da pedagogia, a merecer a atenção da A. é o dos livros «para uso das escolas». De uma forma detalhada, Glória Bastos traça-nos um bem informado panorama da situação vivida nas três últimas décadas do século passado, destacando os títulos que lhe parecem mais conseguidos, entre os quais um da autoria de Adolfo Coelho.

O segundo capítulo é dedicado aos periódicos para crianças, cujo aparecimento se deve à afirmação crescente de um público consumidor infantil. Entre jornais infantis e periódicos que incluíam uma secção dirigida às crianças, a A. inventaria um total de 21 títulos, o que não deixa de ser um número surpreendente. Para além desse útil inventário – apresentado em

anexo de forma muito detalhada –, Glória Bastos procura caracterizar a orientação dessas publicações. Unidas pelo propósito duplo de instruir e recrear, apresentam duas grandes áreas temáticas: a ficção (em que predominam as narrativas de fundo moral) e a informação (história, geografia, ciências naturais). A A. oferece-nos também uma análise mais pormenorizada dos periódicos de maior longevidade.

O terceiro e último capítulo é consagrado ao estudo das traduções feitas no século XIX das fábulas de Esopo e de Fedro. Sublinhando o aproveitamento do potencial educativo da fábula e levantando o problema da adaptação que quase sempre estava subjacente à tradução, a A. oferece-nos um panorama muito geral deste domínio da produção para crianças. É pena que não tenha ido mais longe, analisando de forma mais próxima os textos em causa, o que aliás lhe permitiria fundamentar melhor as observações que vai fazendo. De indiscutível utilidade e mérito é o inventário que a A. apresenta em anexo, que revela para o século XIX o impressionate número de 27 edições de fábulas traduzidas de Esopo e Fedro.

Concluindo, podemos dizer que não é ainda este o trabalho decisivo sobre a literatura para crianças em Portugal no século XIX. Falta-lhe sobretudo um contacto mais próximo com os textos. Apesar disso, trata-se de um livro de grande utilidade, o que se fica sobretudo a dever aos dois inventários que apresenta, os quais vêm completar as três principais bibliografias existentes, citadas no início deste comentário (e estranhamente omitidas pela A. na sua bibliografia final).

Francisco Topa